

## XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

### GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento

#### DA LOUCURA E DA ARTE NOS LIMITES DE UMA EPISTEMOLOGIA DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Gustavo Silva Saldanha - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Michelle Louise Guimarães da Silva - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

#### *OF MADNESS AND ART ON THE LIMITS OF A EPISTEMOLOGY OF THE ORGANIZATION OF KNOWLEDGE*

#### Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

**Resumo:** Este estudo, partindo de um plano teórico para discutir elementos fenomênicos, discorre sobre o papel da classificação no entendimento da loucura e suas relações com a construção epistemológica e as fronteiras aporéticas da organização do conhecimento, lançando a hipótese da loucura como um dos aparentes limites do pensamento classificatório e, ao mesmo tempo, resultado de sua “irracionalidade”. Essa compreensão não é reduzida a uma perspectiva única, mas evidencia diversos modos de reflexão sobre a realidade, incluindo o desdobramento das confluências entre loucura, arte e as práticas de representação e organização do conhecimento. Das críticas de Bernd Frohmann e Antonio García Gutiérrez contra plano mentalista da indexação aos remotos problemas da arbitrariedade das ações classificatórias, podemos identificar diferentes cenários onde a suspeição sobre a organização do conhecimento é tensionada. Dessa forma, optou-se aqui pelos lugares de tensão que aproximam ciência, arte e loucura, ou, dito de outra forma, debate-se o olhar dos domínios científico e artístico como principais campos que se debruçaram sobre o fenômeno do sofrimento e das transformações no mundo psíquico em conexão com os dilemas teórico-aplicados do pensamento classificatório. Investiga-se nesse contexto o quadro de convergências e contrastes dos domínios, destacando os processos classificatórios não somente como registros da realidade, mas em especial pelas suas cargas simbólicas de elaboração do imaginário sobre a saúde mental e os desafios teóricos da organização do conhecimento diante de tais dilemas. Como resultado das relações teóricas aqui estabelecidas, reconhece-se como abordagem epistemológica fundamental para o enfretamento de tais aporias uma filosofia das formas simbólicas, capaz de superar parte dos dilemas fronteiriços da organização do conhecimento.

**Palavras-Chave:** Organização do Conhecimento; Classificação; Saúde Mental; Arte; Filosofia das Formas Simbólicas.

**Abstract:** This article discusses the role of classification in the understanding of madness and its relations with the epistemological construction and aporetic limits of the organization of knowledge, launching the madness hypothesis as one of the limits of classificatory thinking and, at the same time, the result of its "irrationality". This understanding is not limited to a single perspective, but it evidences several ways of reflecting on reality, including the unfolding of the confluences between madness, art and the practices of representation and organization of knowledge. In this way, the scientific domain and the artistic domain were chosen as the main fields that focused on the phenomenon of psychic suffering in the connection with classificatory thinking. We investigate here the framework of convergences and contrasts of domains, highlighting the classificatory processes not only as records of reality, but especially for their symbolic charges of elaborating the imaginary on mental health and the theoretical challenges of the organization of knowledge when facing such Dilemmas. As a result of the theoretical relations established here, a philosophy of symbolic forms, capable of overcoming some of the border dilemmas of the organization of knowledge, is recognized as the fundamental epistemological approach for the confrontation of such aporias.

**Keywords:** Knowledge Organization; Classification; Mental Health; Art; Philosophy of the Symbolic Forms.

## **1 INTRODUÇÃO: LOUCURA, ARTE E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

A classificação e as práticas modernas de organização do conhecimento (OC) podem ser identificadas, no sentido polissemântico, em diferentes saberes. A configuração epistêmica e distintiva adquirida no contexto de uma epistemologia histórica da Ciência da Informação (CI), marcada por um processo de institucionalização de disciplinas, grupos de trabalho, associações científicas, pode, ela própria, clarificar a extensão e a exaustividade sempre parcial da condicionante conceitual e das múltiplas disciplinas interessadas nos métodos e nas práticas que se questionam pelas ações do classificar.

Em outras palavras, o próprio desenvolvimento da OC no contexto da CI demonstra, em seus diferentes horizontes de investigação, a vastidão de questões filosóficas e aplicadas que convergem para os dilemas da informação contidos em tais ações. Das críticas de Frohmann (1990) e García Gutiérrez (2011) contra plano mentalista da indexação aos remotos problemas da arbitrariedade das ações classificatórias, podemos identificar diferentes cenários fronteiriços onde a suspeição sobre a organização do conhecimento é tensionada.

Essa abertura à paisagem crítica pode ser identificada, por exemplo, nas relações entre OC e os estudos sobre a loucura, horizonte estrutural de tal reflexão teórica concentrada em uma epistemologia em construção nos estudos de organização e representação do conhecimento. A própria condição de um possível campo do conhecimento dedicado a organizar o conhecimento, como na visão de Dahlberg (2006), pressupõe o afastamento absoluto da aporia da loucura: a sistematização dependerá de uma racionalidade (no ponto de

vista dahlbergiano, de fundo analítica) que postula a capacidade comunicativa do conceito em sua unidade de sentido. A loucura, é, pois, uma das fronteiras de uma epistemologia da OC.

Por sua vez, a loucura, como na reflexão procuramos demonstrar, é fruto da própria classificação – em uma hipótese crítica, a loucura representa um dos aparentes limites do pensamento classificatório e, ao mesmo tempo, em outra margem, é resultado de sua “irracionalidade” ou, “inversamente”, de seu nível mais alto de discurso racional (se usarmos a argumentação cassireriana da filosofia das formas simbólicas), como o caso da fundamentação comteana, ou, ainda, em outros termos, o modo positivista de classificar a razão e determinar os modos adequados de descrição das maneiras como a razão classifica o homem, o mundo e seus objetos.

Entre a crítica direta sobre os potenciais de guerra, de distinção e de exclusão da classificação em sua condição sociocultural, discutidos em Vignaux (2000) e Bourdieu (2007), passando pelas críticas objetivamente direcionadas às práticas de organização do conhecimento, como o mencionado discurso contra o mentalismo da indexação em Frohmann (1990) e as distinções sociais estabelecidas por tais práticas classificatórias a partir da chamada *information retrieval*, como visto em García Gutiérrez (2011), podemos perceber o impacto do processo histórico das classificações no plano político e no plano das ações informacionais na construção da noção de loucura. Estabelece-se, pois, aqui, a dupla configuração crítica das relações entre OC e loucura: a última, reafirmando, como fruto e limite das teorias classificatórias.

Por sua vez, a loucura encontra na arte um dos modos de se “autodesclassificar” - tomando, aqui, objetivamente, a epistemologia desclassificacionista de García Gutiérrez (2011). As chamadas arteterapias ou atividades expressivas reposicionam o papel das ações ditas anormais e postula uma fronteira central para o pensamento classificatório: o simbólico. Constitui-se aqui um caminho para não apenas pensar a classificação em seu plano político, mas, no plano material, reconhecer que esses artefatos produzidos fundam outras modalidades de compreensão do real (e de demandas classificatórias).

A loucura, quando colocada diante da arte, aponta para um movimento crítico-epistemológico ainda mais delicado para uma positividade das práticas de organização e representação do conhecimento. Categorias como autor, título, assunto, as estruturas hierárquicas ou em rede, podem ganhar figurações completamente distintas quando evidenciamos os fenômenos de produção de saberes nos diálogos arte-loucura. Em grande

medida, como procuramos aqui debater, adentramos o universo de uma filosofia das formas simbólicas, que tensiona alguns possíveis e necessários estágios de estabilidade do pensamento teórico em OC.

O simbólico colocado como aporte epistemológico pode, em nossa visão, contribuir para o desenvolvimento de uma teorização sobre a OC para além das críticas ao positivismo lógico que permitiu as transformações aplicadas dos sistemas informacionais, bem como ao cognitivismo em sua exploração das relações de espelhamento entre mente e máquina. Desse modo, visamos aqui compreender o papel da informação nas estruturas simbólicas que formulam a classificação da “loucura” no campo científico e no campo artístico, bem como possibilitam, na aproximação e na sobreposição (provisória) de tais saberes, problematizar as correntes teóricas da OC no seu desafio de compreensão dos dilemas da loucura, como fenômeno psíquico e social.

## **2 O (INTER)SUJEITO, O SIMBÓLICO E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

Desde os primórdios da história da psiquiatria moderna a classificação é um mecanismo basilar à área de Saúde Mental. Um lugar ideal para examinar o paciente é a clínica. Isolando o indivíduo no local, é possível detectar informações que auxiliem na definição da sua respectiva doença mental (AMARANTE, 1996). O puro plano psicológico da relação entre informação e sujeito, no entanto, extrapola uma abordagem mentalista (FROHMANN, 1990, 1992), chegando até um plano materialista e simbólico de organização e de comunicação nos contextos sociais.

O possível conteúdo informacional do sujeito (ou o construto semântico potencialmente comunicável), em um primeiro momento, ocupa espaço na construção das definições: identificar as diferenças nos comportamentos dos pacientes, as informações que se repetem e que se correlacionam e assim elaborar e padronizar termos adequados àquela doença. Mais adiante, o processo repetitivo e contínuo de recuperação e organização das informações sobre a saúde do paciente direciona o psiquiatra a procurar uma gama informativa que respalde as classificações preexistentes. O processo é muito próximo, se entendido sob uma base do positivismo lógico, da síntese frohmanniana sobre a posição de Farradane diante de uma teoria da recuperação da informação. Ou seja, “Farradane's picture of the scope of information science derives from a very natural and familiar picture of minds and thought. Thoughts are mental processes occurring in minds.” (FROHMANN, 1990, p. 82)

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Partindo das condições tradicionais de posicionamento da existência de um conteúdo informacional e das críticas ao mentalismo, eis já uma dupla condição do jogo informação e (inter)sujeito (o sujeito já antevisto em suas condições sociosimbólicas de percepção e de apresentação do real): a informação se estabelece como elo comunicacional com o mundo; a organização, por sua vez, se coloca como potencial de sentido, seja em sua redundância nos atos materiais (como produção de artefatos) e atos objetivos de fala (a manifestação verbal de sensações e de questionamentos).

Nota-se nesses cenários que mais do que uma relação de signos indiciais, trata-se de uma série de processos classificatórios que podem ser associados à formação de símbolos sobre a loucura. O acontecimento simbólico indica, pois, a propensa manifestação da relação entre organização e informação, capacidade de estabelecimento entre o mundo psíquico e o mundo social, para além da mera resposta a estímulos. A noção de loucura, no território do simbólico, contorna as indagações sobre o real-racional do pensamento moderno: o simbólico, dado no momento de comensurabilidade máxima de um (inter)sujeito, registra o potencial fundador de toda racionalidade em seu sentido linguístico, ou seja, sua capacidade de se fazer entender. Porém, em qual momento as observações de sinais transformam-se na manipulação dos mesmos, a construção do símbolo? De que modo a potência do simbolismo pode afetar essas observações?

A história da loucura reflete os anseios e valores das sociedades. De sujeitos que alcançam a transcendência na Antiguidade ou o demoníaco na Idade Média a indivíduos excluídos por representarem desvios das regras morais e sociais durante a Renascença e, posteriormente a Revolução Francesa, doentes isolados em hospícios com a finalidade de receber tratamento médico (e moral) adequado (FOUCAULT, 1975). Em todos esses momentos entende-se o comportamento dessas pessoas a partir dos ideais específicos que vigoravam na época, pensamentos religiosos, científicos e artísticos.

Essas condições sociosimbólicas transcendem, muita das vezes, qualquer produção de sentido restrita a uma análise médica do sofrimento psíquico, pois variados discursos demonstram um apego às informações fragmentadas, direcionando interpretações que dificilmente expressam a complexidade da experiência da loucura – singular em cada indivíduo que a experimenta. Tais condições nos permitem perceber as aproximações e as sobreposições sobre as práticas clínicas e as teorias e aplicações do pensamento em organização do conhecimento. Em alguns casos, no plano teórico, o entrecruzamento de

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

possibilidades analíticas sugere potenciais de reconfiguração do pensamento informacional, principalmente se colocada a condição do simbólico como elemento mantenedor do sentido máximo, da mais elevada capacidade de comunicação do (inter)sujeito, o sujeito social, povoado da coletividade em sua singularidade.

No tocante ao poder de potencialidade desses elos epistemológicos que encontramos a relação entre Arte e Ciência, campos aparentemente distantes, ainda hoje, mas que, compreendidos em suas fronteiras na paisagem da pretensa classificação histórica da loucura. No solo específico da epistemologia da CI e, mais pontualmente, na construção de um arcabouço teórico para a OC), essa fronteira pode ser visualizada igualmente no plano argumentativo e no plano prático. A influência, por exemplo, das ciências cognitivas e sua marca na constituição de planos classificatórios depende, estruturalmente, das premissas da condição do sujeito cognoscente que manifesta sua possibilidade de relações lógicas em consonância com os sistemas. Do mesmo modo, uma crítica pragmático-social demonstra a parcialidade do sujeito isolado em sua capacidade mental de organizar o mundo. Tal crítica retoma, pois, um outro limite do desenvolvimento teórico da OC, as relações entre Arte e Ciência (e a fundamentação do simbólico).

Arte e a Ciência são fontes de conhecimento que investigam os fenômenos associados à loucura. Psiquiatras como Nise da Silveira, por exemplo, atuam em diferentes fronteiras entre Arte e Ciência, na busca pelo tratamento da doença mental e as possíveis formas de atenuar seus sintomas. No campo artístico, obras produzidas por indivíduos (que se consideram ou não artistas) em momentos de crises psíquicas são compreendidas como uma assistência, através da arte, ao enfrentamento perante o sofrimento psíquico ou sob um viés que defende que a loucura produz um conteúdo autêntico e original em comparação com uma forma artística engessada pelos ditames acadêmicos das instituições das Belas Artes.

Essas pinturas, por sua vez, apontam para maneiras singulares do sujeito classificar o mundo e organizá-lo a partir de sua própria complexidade de sujeito. No entanto, os artefatos produzidos pelos indivíduos, a materialidade de seus discursos, são, ao mesmo tempo, fontes para interpretação e comunicação do indivíduo com o corpo médico, com os demais sujeitos, com o mundo, donde provém a condicionante simbólica do (inter)sujeito e suas relações sociais.

### **3 INFORMAÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E SAÚDE MENTAL: a invenção classificatória da loucura**

De acordo com Pessotti (1999), há fatos que circunscrevem a classificação da loucura. A associação entre perda de autonomia psicológica, limitando as possibilidades de autocontrole, e o conceito de loucura se mantém no tempo histórico com poucas alterações. Contudo, ainda que permaneça essa ideia basilar, há uma variação acentuada, particularmente depois do século XVII, nos números de espécies e subespécies atribuídas ao sofrimento psíquico. Com a consolidação da medicina moderna no campo das teorias da loucura, durante o século XVIII, inúmeras classificações foram construídas.

No século XIX, esses esquemas classificatórios se dividiam entre perspectivas mentalistas ou organicistas. Na primeira, a origem da loucura está nas instâncias psíquicas e os processos mentais, enquanto na segunda vertente, o foco é direcionado às possíveis patologias na anatomia, examinando os processos neuroquímicos ou até metafísicos que causariam a doença. A quantidade de criação de termos diminui consideravelmente a partir de 1880 culminando que essas classificações sejam somente revisitadas e/ ou reformuladas no século XX (PESSOTTI, 1999).

No século XIX, o *Traité Médico Phillosophique* de Philippe Pinel representa um marco teórico da psiquiatria moderna. A loucura adquire um conceito novo. Pinel e Jean-Étienne Esquirol compreendiam que a causa do sofrimento psíquico não era derivada de alguma lesão cerebral, mas nos modos comportamentais. Erros no conhecimento causam a doença, impossibilitando o contato real com pessoas ou coisas. Desse modo, a psiquiatria deve-se atentar à correção dos hábitos, modificando ideias e comportamentos afetados pelos descontroles das paixões (PESSOTTI, 2006). O registro de informação se atenta a critérios sintomáticos que se vinculam à conduta moral do interno; são sintomas relacionados ao intelecto e a vontade em detrimento de informações rigorosamente físicas (PESSOTTI, 1999).

De acordo com Caponi (2012), o pensamento mentalista de Pinel e Esquirol sofrerá duras críticas na metade do século XIX. Primeiramente pela forma redutora que os médicos elaboravam os cuidados com a doença mental. As cinco classes da alienação mental eram a mania, a melancolia, o idiotismo, demência e mais adiante, monomania. Contudo, como todas eram somente facetas da mesma enfermidade, a alienação mental, o método terapêutico resumia-se ao tratamento moral. Para solucionar essa problemática Bénédict Morel defendia ir além de critérios sintomáticos, enfatizando critérios etiológicos, isto é, identificar as origens das doenças.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Essa busca por uma classificação etiológica está presente em seu Tratado das Degenerescências (1857). Neste livro Morel defende que variados processos de degeneração levariam a alienação mental, o último estágio das degenerescências. Há diversas categorias: degeneração por intoxicação (de mudanças climáticas ao abuso de álcool), degeneração resultante do meio social (relacionada às classes pobres, miséria, profissões insalubres), degeneração resultante de afecção mórbida anterior ou temperamento doentio, degeneração resultante da imoralidade, degeneração provenientes de doenças congênitas ou adquiridas na infância e degeneração relacionada às influências hereditárias. O fator da hereditariedade era considerado o mais habitual, e ainda que algumas degenerações fossem curáveis, depois de várias gerações de alienados a doença tornava-se incurável. Em vista disso, mais do que informações limitadas ao exame do comportamento do indivíduo ou dissecar cadáveres, era fundamental investigar sua história de vida, identificando suas heranças familiares. Morel acreditava que tanto informações interiores ao corpo como exteriores (denominada stigmata) poderiam auxiliar na classificação etiológica correta (CAPONI, 2012).

No fim do século XIX e início do XX, Emil Kraepelin faz importantes contribuições que influenciariam a psiquiatria contemporânea. Segundo o psiquiatra, as doenças mentais caracterizam-se como evoluções de variações sintomáticas, têm causas orgânicas que afetam as funções psíquicas, algumas têm origens hereditárias e podem se dividir em dois grandes grupos: psicose maníaco-depressivas e demência precoce. Kraepelin em sua abordagem positivista rejeita a investigação da subjetividade proposta principalmente pelas teorias psicanalíticas de Freud. Seu trabalho e suas classificações estabelecem as bases dos mais importantes sistemas de diagnóstico como o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID) (PESSOTTI, 2006).

A evolução da psiquiatria no século XIX até a inauguração do século XX ocorreu concomitantemente ao desenvolvimento dos processos classificatórios do campo. Essa relação fortaleceu a existência e demarcação do saber psiquiátrico nas ciências médicas. As classificações foram cada vez mais perdendo critérios sintomáticos, etiológicos (esses dois permanecem, mas de modo hierárquico no interior da nosografia), filosóficos e psicológicos para legitimarem a nosologia, isto é, a classificação das doenças (PESSOTTI, 1999).

Pessotti (2006) salienta que durante o século XX nota-se um retorno ao interesse pela subjetividade dos indivíduos, particularmente no trabalho de Eugen Bleuler. Influenciado por

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**  
**23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Kraepelin e Freud, Bleuler reformula o conceito de demência precoce promovendo um termo substituto, a esquizofrenia. Essa mudança é mais do que terminológica, denotando transformações no próprio conceito: a ideia de demência como inevitável deterioração das funções mentais era incorreta e não representava a complexidade da loucura e de seu aspecto essencial, a cisão das instâncias psíquicas. As cisões fornecem dificuldades de associação entre ideias ou perturbações do pensamento através da interferência de ideias aleatórias, proporcionando discursos ilógicos e, por conseguinte, dificultando a comunicação com a realidade externa. A partir disso o esquizofrênico isola-se no interior dos seus pensamentos, vivendo um mundo de fantasias impenetráveis. Bleuler destaca, portanto, a necessidade de compreender os significados dos delírios e não somente focar-se na recuperação de informações físicas e orgânicas.

Aprofundando no conceito de subjetividade, Karl Jaspers indagaria em *Psicopatologia Geral* (1913) os impasses para obter conhecimento sobre processos psíquicos inobserváveis. Ele conclui que é impossível acessar os significados do conteúdo do inconsciente, pois eles são intrinsecamente relacionados a experiência da loucura em cada indivíduo, inacessível à compreensão de pessoas que não podem vivenciá-la. Investigando os processos subjetivos, Eugene Minkowski defenderá que a loucura não é uma forma errada de experimentar a realidade humana, ela é somente um dos modos de estar no mundo, um conceito que se assemelha as ideias do escritor Antonin Artaud sobre sua loucura vivenciada. Ronald Laing e Franco Basaglia, em seus movimentos contestadores da psiquiatria tradicional foram instigados pelo trabalho de Minkowski (PESSOTTI, 2006).

Basaglia direciona essas novas possibilidades de compreender o fenômeno da loucura às suas configurações políticas e sociais. Assim elabora o conceito de desinstitucionalização: uma crítica às abordagens positivistas da ciência moderna, repensando a própria definição de saúde mental no bojo do saber psiquiátrico. O trabalho do psiquiatra italiano será de suma importância para a constituição do movimento da Reforma Psiquiátrica, acontecimento que terá efeito no restante do mundo (AMARANTE, 1996).

Reinventar epistemologicamente o campo condiz com redefinir os métodos classificatórios, compreender o papel habitual da informação em saúde mental (informação essa que, organizada, potencializa novas e distintas classificações) e repensar novos rumos, como os que desvelam as estruturas simbólicas que legitimam (e podem modificar) a psiquiatria. Reconhece-se, pois, retomando as relações entre o (inter)sujeito, o simbólico e a

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**  
**23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

OC, as lacunas para uma compreensão plural da informação e da emergência de suas práticas no contexto da saúde mental. A loucura, aqui, é tomada, pois, no plano epistemológico, não como limite, ou como uma aporia para o desenvolvimento teórico da OC, mas como um de seus mais profícuos cenários de investigação, fruto que é, ela própria, resultado da classificação.

As disputas epistemológicas denotam as disputas simbólicas do imaginário sobre a loucura. O universo do simbólico constitui a nossa percepção da realidade através da linguagem. Nossos medos, sonhos, desejos, emoções elaboram imagens mentais que transcendem o real. Notamos que a imagem mental vive somente no interior de nós mesmos, mas o real e a imagem do real são de fato semelhantes? Podemos compreender a realidade e o campo psíquico onde habita o simbólico como espelhos, frente a frente, que se refletem entre si. A criação de instrumentos de organização do conhecimento, por sua vez, como cabeçalhos de assuntos controlados, tesouros e ontologias, é uma tentativa de conformar esse caráter dinâmico e multifacetado da experiência com o real e o simbólico, demarcando suas diferenças. O impasse fundamental é que esses instrumentos ainda que sejam confeccionados com a pretensão de fixar a realidade, tentam essa função no interior de experiências fluídas e mutáveis do real.

Nesse contexto, encontramos a filosofia das formas simbólicas. Ernst Cassirer (2005) discorre sobre o simbólico e a Ciência. Identifica-se que o conhecimento científico moderno tem uma preocupação com o mundo constante e procura identificar e analisar a ordem dos fenômenos. A busca de informações com o intuito de ordenar a realidade torna-se mecanismo da Ciência. A linguagem é afetada nesses processos, pois se inicialmente o pensamento científico utilizava termos comuns, o nascimento da ciência moderna é inaugurado com a descoberta de uma linguagem própria, a matemática. Destaca-se, porém, que na Grécia Antiga, os números não eram limitados à significações científicas, mas também utilizados em configurações míticas: a diferença é que as classificações voltadas ao científico representam relações ordenadas de elementos da realidade, enquanto no mito cada termo linguístico tem um significado particular e desordenado, pois “ ‘na síntese da multiplicidade’, cada nova palavra é um novo começo” (CASSIRER, 2005. p. 345).

Assinala-se que o desafio da psiquiatria é ordenar a realidade da loucura, ao mesmo tempo que para compreender efetivamente o sofrimento psíquico teria que vivenciar sua experiência desordenada. Esse contraste de perspectivas também ocorre na passagem da

ordem científica para um ideal de ordem moral e social. Ainda que tenham sentidos diversificados, a simbologia sobre o conceito de ordem foi utilizada em variadas épocas para mesclar a avaliação médica do paciente com a legitimidade de julgamentos morais sobre o comportamento dos mesmos em seu vínculo com os valores e regras das sociedades. Em grande medida (ou em absoluto), é essa demarcação analítica da noção de ordem que possibilitou e possibilita o desenvolvimento da OC. Seus limites, porém, sugerem problemas epistemológicos pouco investigados, como o caso da arte e da dinâmica de suas (re)classificações. Nesse âmbito, passamos da investigação do domínio da ciência para o estudo do domínio artístico sobre o entendimento sobre a loucura.

#### **4 INFORMAÇÃO, ARTE E SAÚDE MENTAL: OUTRA PAISAGEM FRONTEIRIÇA PARA A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

Arte e loucura são conceitos que se entrelaçam. De Bosch no século XV a Goya no século XVI, o tema da loucura fascinou muitos artistas. Porém, enquanto o pintor holandês retrata o aspecto aterrador da loucura (fundado, dentre outras características, na visualização de um conjunto de objetos e de ações aparentemente em desordem, principalmente para a tradição de pintura de sua época), o trabalho do artista espanhol nutre identificação com a vivência do louco. Todorov (2011), em sua interpretação sobre as gravuras de Goya, aponta o caráter especial de seu trabalho.

Os “esclarecidos” de seu tempo encaram a loucura como uma simples falta ou uma decadência; na estética romântica, que começa a se afirmar já no início do século XIX, a loucura é, ao contrário, valorizada como a manifestação de um estado extremo da humanidade — o louco é um parente próximo do gênio. A atitude de Goya, desde essa primeira imagem, é outra: para ele, a loucura não tem ligação nem com o inumano nem com o demoníaco, não é uma simples curiosidade nem um descolamento heroico do indivíduo às regras sociais. Os loucos de Goya são ao mesmo tempo bizarros e familiares; é que, longe de nos ser estranha, a loucura está em nós, as margens da condição humana permitem eliminar-lhe o centro. Pode-se também pensar que o tema do confinamento, comum à prisão e ao manicômio, não veio do nada na mente de Goya, que acaba de descobrir o isolamento imposto pela surdez. Doravante, o louco e o prisioneiro são ele mesmo (2011, n.p).

Este é um exemplo de como a figura do louco e da loucura foram apropriados pela Arte em distintas épocas, evidenciando os valores sociais e os desejos estéticos que envolviam o trabalho artístico. Mas, em comparação com o campo científico, as primeiras características

que podemos evidenciar é a projeção que alguns artistas faziam de suas angústias e fantasias à loucura.

Por outro lado, há artistas que são diagnosticados com alguma doença mental, como Antonin Artaud e Van Gogh. Nestes casos há uma indagação constante se existe uma correlação entre arte e loucura, com a segunda sendo importante propulsor da primeira, ou, se, pelo contrário, a arte representa a luta contra a entrega total ao sofrimento psíquico, isto é, apesar da doença alguns se tornam grandes artistas. No entanto, a psiquiatria mais tradicional afirma que a produção artística pode piorar a esquizofrenia e deveria ser utilizada com cautela, afinal o esquizofrênico já se encontra em um mundo isolado na fantasia e o fazer artístico poderia aprofundar esse isolamento.

Importantes coleções de arte produzidas por pacientes psiquiátricos surgem a partir do século XIX, na Europa. Uma das mais famosas é a coleção organizada por Hans Prinzhorn na Universidade de Heidelberg. Influenciado pela teoria da arte expressionista, Prinzhorn afirmava que as obras que ele conseguiu reunir, oriundas de diversos hospitais, demonstravam uma espécie de instinto artístico. Max Ernst e Paul Klee tiveram fortes influências dessas obras e procuravam acessar seus mundos internos para produzir uma arte mais bruta e primitiva na perspectiva deles (GRAMARY, 2005).

No Brasil há coleções reconhecidamente relevantes preservadas em instituições museológicas como a do Museu Osório Cesar, coleção reunida pelo médico Osório Cesar e o Museu de Imagens do Inconsciente, fundado pela psiquiatra Nise da Silveira, salvaguarda as produções realizadas pelos usuários da Seção Terapêutica Ocupacional. Osório e Nise entendiam que essas obras eram fonte de conhecimento sobre as instâncias psíquicas dos pacientes. Esse objetivo promove a necessidade da criação de instrumentos de organização do conhecimento que vão além do saber artístico tradicional, mas o relacionem com a psiquiatria, a psicologia e, em especial, a psicanálise.

Nise da Silveira tinha o intuito de utilizar um sistema classificatório que aproximasse o conteúdo simbólico das produções do MII com outras imagens que representassem temas próximos. Por essa razão, “incluiu um campo na ficha de catalogação das obras do Museu destinado a classificá-las segundo o sistema utilizado na época pelo Archiv for Research in Archetypal Symbolism – ARAS” (CRUZ JUNIOR; PINHEIRO, 2013, n.p.). Esse sistema de classificação teve origem na coleção de Olga Froebe-Kapteyn (criada em 1933, atualmente pertence ao Warburg Institute) e “reunia inicialmente reproduções originais desenhos,

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

gravuras - de antigos artefatos simbólicos, que eram estudados em reuniões anuais, promovidas por ela num espaço denominado Sociedade Eranos” (CRUZ JUNIOR; PINHEIRO, 2013, n.p). Com base nessas obras, Dr. Joseph L. Henderson, colaborador de Carl Jung, idealizou o projeto.

Ainda que a Arte e a Ciência investiguem o fenômeno do sofrimento psíquico de formas diferentes, nota-se algumas confluências, particularmente nas disputas simbólicas. Na Alemanha nazista, por exemplo, as obras da arte moderna eram renegadas e perseguidas por não refletirem os cânones da arte oficial puramente nórdica. No interior deste contexto foi realizada uma série de exposições denominada “Arte Degenerativa” na qual foram expostos grandes artistas como Picasso, Van Gogh, Matisse, Kandinsky, dentre outros, juntamente com exemplares da coleção Prinzhorn. Era uma tentativa de demonstrar que as obras de arte moderna eram indignas, espúrias e corrompidas (GRAMARY, 2005).

Todavia, essas exposições foram muito frequentadas, proporcionando a divulgação das obras dos artistas modernos e dos pacientes psiquiátricos (GRAMARY, 2005). O conceito de Degeneração de Morel é apropriado de modo simbólico com fins de aludir ao estigma da doença mental, porém a obra artística direciona a outro viés de produção de sentido, pois a arte não tem um significado único e controlável. Não há como moldar integralmente a percepção dos visitantes da exposição, pois aquelas produções podem suscitar inúmeras leituras e emoções.

O conflito entre razão e desrazão também proporciona uma nova perspectiva no vínculo arte e loucura. A produção artística dos considerados loucos tem origem na desrazão ou na razão que permanece? Para Foucault (2017), na Idade Média a loucura estava fora do homem, rondava o mundo exterior, acometendo os sujeitos e conferindo-lhes a capacidade de revelação de verdades em meio aos delírios, o que o autor significará como experiência trágica da loucura. Contudo, na Idade Clássica a loucura é percebida no interior do homem, surgindo uma consciência crítica que a associa à desrazão o que culminaria no invento de um sinônimo, a doença mental. A linguagem dos loucos é interdita e suas enunciações não tem mais valor de uma revelação transcendental (PROVIDELLO; YASUI, 2013).

Com o surgimento da psiquiatria moderna, essa linguagem continua na penumbra, o que importa é averiguar no corpo humano os sintomas da loucura e nada que é produzido por esse mesmo corpo pode se sobrepor a esse objetivo (PROVIDELLO; YASUI, 2013). Com a psicanálise, no final do século XIX, a um notório interesse pelo entendimento da fala dos

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

pacientes psiquiátricos, porém essa fala precisa ser traduzida em uma construção teórica para torna-se inteligível, ou seja, nesse sentido, “a linguagem da loucura se tornou quase um quebra-cabeça: tudo o que ela diz não passa de peças desse quebra-cabeça, cuja chave de resolução é ela mesma e que, resolvido, não diz nada além de suas próprias significações delirantes” (PROVIDELLO; YASUI, 2013, p. 1521).

Ainda assim, a ideia de experiência trágica da loucura permanece preservada na Arte, principalmente no romantismo do século XIX. Cria-se a noção de que essa singular experiência pode ser transmitida pela Arte (PROVIDELLO; YASUI, 2013). O objeto artístico guardaria em si, no mínimo, resquícios da loucura e, de modo mais radical, a qualidade de materialização do sofrimento psíquico.

Para compreender essa configuração simbólica que permeia a relação loucura e a arte, Providello e Yasui (2013) recorrem ao conceito de “Fora” de Peter Pelbart. O “Fora” é o exterior do homem onde habitam o caos, os elementos transcendentais relacionados aos mistérios da vida e da morte. Não há conhecimento neste âmbito, o saber é desenvolvido no pensamento do Fora que medeia essa relação entre o acaso e a inderdeminção do exterior e a ordem interna do indivíduo, através de variadas esquematizações racionais e/ ou emocionais.

Nota-se um processo regular de ida e retorno, mediado pelo real e o simbólico na experiência vivida. Aqui reside o encontro e desencontro do artista e do louco, e mesmo que a arte e a loucura se conectem no mesmo indivíduo, os movimentos contraditórios existem justapostos. O louco, ainda que tenha momentos de razão perde-se com facilidade neste caminho, não conseguindo retornar com facilidade, enquanto o artista vai e vem pelas trilhas da razão e da desrazão (PROVIDELLO; YASUI, 2013).

Desse modo, identifica-se que o objeto artístico surge nessa interação entre a razão e a desrazão como um atestador desse processo, mas sincronicamente permite significações externas (dos observadores da obra) que não se limitam ao entendimento da condição do sofrimento psíquico. Por esse motivo é impossível, de fato, diferenciar a arte de indivíduo considerado normal e um diagnosticado como louco; a obra em si não é a loucura vivenciada, mas a loucura simbólica com todas suas contradições e autenticidades internas.

De acordo com Foucault, a loucura representa a ausência da obra, pois ela foi perdendo seu espaço na linguagem, como uma linguagem interdita e proibida (PROVIDELLO; YASUI, 2013): “a loucura é ruptura absoluta da obra; ela constitui o momento

constitutivo de uma abolição, que fundamenta no tempo a verdade da obra; ela esboça a margem exterior desta, a linha de desabamento, o perfil contra o vazio” (FOUCAULT, 2017 p. 529). Paradoxalmente, a obra artística do louco também denuncia essa ausência.

A obra de Artaud sente na loucura sua própria ausência, mas essa provocação, a coragem recomeçada dessa provação, todas essas palavras jogadas contra uma ausência fundamental da linguagem, todo esse espaço de sofrimento físico e de terror que cerca o vazio ou, antes, coincide com ele, aí está a própria obra: o escarpamento sobre o abismo da ausência de obra (FOUCAULT, 2017 p. 529).

Por outra perspectiva, Minkowski avalia que o gosto pelo geometrismo identificado em muitas pinturas de esquizofrênicos demonstra na verdade não uma falta de conteúdo racional, mas sim uma razão pura. O esquizofrênico diante da impossibilidade de contato com o perfil caótico da realidade externa, se refugia no mundo interno e tenta ordenar o mundo extra psíquico através do uso de linguagens abstratas e geométricas (PESSOTTI, 2006). Esse pensamento relaciona-se profundamente com o desejo de alguns artistas, na primeira metade do século XX, em se espelharem na produção imagética da loucura para encontrar os vestígios de uma espécie de arte primordial. Eis uma busca que se estabelece na e pela linguagem, e pode ser reconhecida nas fronteiras entre arte e ciência.

Cassirer discorre sobre a classificação na linguagem, arte e ciência. Para o autor, a classificação linguística e científica remete a um processo de simplificação dos elementos do real, enquanto de forma semelhante a arte condensa o mundo exterior. Entretanto há relevantes diferenças, pois, “a linguagem e a ciência são uma abreviação da realidade; a arte é uma intensificação dessa realidade” (CASSIRER, 2005, p.235).

O cientista depende de reduções conceituais da realidade e generalizações dedutivas – podemos, por exemplo, observar todo o desenvolvimento da OC a partir da luta pelas tentativas de redução identificadas por Cassirer (2005). São modelos desse processo teórico aqueles advindos da teoria do conceito, em Dahlberg (1978) e dos estudos de esquematização presentes em Otlet (1934), Briet (1951) e na geração coordenada por Robert Estivals (2000) na França a partir dos anos 1960. Em grande medida, toda a epistemologia do campo informacional estaria à procura dessa síntese a partir do discurso de Otlet em seu Tratado de Documentação (SALDANHA, 2015).

Com a filosofia das formas simbólicas, aqui e acolá, ou seja, na classificação que define o conceito de loucura e na questão da loucura (e de tantas outras fronteiras) na OC,

pode contribuir para o desenvolvimento de uma percepção crítico-epistemológica para as teorias e as práticas de representação e organização do conhecimento. O mergulho em um possível “corpus empírico-conceitual” para esses diálogos é apresentado a seguir. O intuito não é apontar todas as direções para essas fronteiras, mas demonstrar algumas abordagens convergentes entre o simbólico e a OC que nos permitem ontem e hoje aprofundar a reflexão dessas arenas de desconforto teórico e aplicado.

## **5 FILOSOFIA DAS FORMAS SIMBÓLICAS: UM CAMINHO FRONTEIRIÇO PARA CONHECER AS FRONTEIRAS**

Quando Frohmann (1990), em seu desenvolvimento da crítica ao mentalismo nas práticas de indexação, evoca Wittgenstein e os estudos da linguagem para reconhecer os limites da OC, estamos, em nossa visão, já adentrando o contexto simbólico de formação de pensamentos e de artefatos. Em outros termos, estamos diante de um processo de constituição do mundo a partir do simbólico, ou, ainda, no léxico cassireriano, reconhecimento primariamente o homem como um animal simbólico, classificador e produtor de um real que só o é por ele, pelo próprio simbolismo o que estabiliza (ainda que provisoriamente).

Frohmann (1990, p. 97) posiciona a indexação sob uma noção de representação pautada no decurso histórico-social das condições de classificação.

Rules of indexing are rules of text representation for the purpose of text retrieval. But text retrieval designates a set of particular social practices. Consequently, the construction of indexing rules institutes or facilitates particular kinds of retrieval practices and depends, therefore, upon a preliminary understanding of the social practices constituting text retrieval in the actual, historically real social world (FROHMANN, 1990, p. 97).

No plano teórico cassireriano, essa condicionante social é co-constituída por um escopo simbólico. Não existem, pois, as condições sociais sem as condições de classificação, marcas centrais de um pensamento simbólico, que encontram na arte e na loucura o diálogo direto, tecendo a fronteira com a ciência (a saber, a ciência que questiona a natureza pretensa, uma vez que nada mais é do que o simbólico, das hierarquias e das falsas redes pré-estabelecidas de conceitos). Em suas palavras, “A ciência conserva desde há muito uma antiquíssima herança mítica, à qual apenas imprime uma outra forma” (CASSIRER, 2004, p. 8,).

Se de um lado o plano geométrico-analítico é a marca da epistemologia moderna, as mesmas expressões em condições distintas se manifestam no plano da arte. Distintas, ciência

e mitologia, por exemplo, se encontram na representação espacial do real, ainda que sob métodos e enfoques diferentes. Em outros termos, de um lado “reina a modalidade do conceito lógico-geométrico”, ou outro, “a modalidade da fantasia espacial artística” (CASSIRER, 2001, p. 47).

Entre loucura, arte e simbólica, a perspectiva da reflexão sobre o simbólico pode retornar, ainda, ao plano social, mas crítico. As observações de Frohmann (1990), sobre questões negligenciadas a partir do método analítico no contexto da OC, como raça, classe e gênero, recebem aqui outra configuração e foco.

A crítica social de Frohmann (1990) sobre a incorporação, no contexto das práticas de indexação, de todos os preconceitos dos domínios sociais hegemônicos, toca, por sua vez, a questão da fundamentação simbólica de grupos sociais e de suas classificações, encontrando, aqui, a crítica epistemológica objetiva à classificação em seu cenário amplo, para além do território teórico e aplicado da OC.

O exemplo mais direto está na crítica bourdieusiana sobre a noção de classificação (BOURDIEU, 2007), ou, mesmo, o pensamento crítico de Vignaux (2000), identificados acima. Para além disso, retomamos aqui o papel crítico do reconhecimento da loucura na história da classificação, bem como da classificação como central para o desenvolvimento da loucura. Identificamos também o papel da arte como forma de iluminação das condicionantes simbólicas do (inter)sujeito e de seu mundo. Todas essas, paisagens fundamentais para um pensamento plural em uma epistemologia da OC a partir do simbolismo. A filosofia das formas simbólicas, como demonstra Cassirer (2001), integra as dimensões da arte e da ciência na atividade espiritual do (inter)sujeito, ou seja, “o conteúdo do conceito de cultura é inseparável das formas e orientações fundamentais da atividade espiritual”. Nesse sentido, “na medida em que existe uma orientação específica da fantasia e intuição estéticas, passa a existir também uma esfera de objetos”. (CASSIRER, 2001, p. 22). Nesse sentido, através da reflexão sobre o simbólico, as lacunas entre loucura, arte e ciência no pensamento crítico-epistemológico da OC podem ganhar aportes indagativos que superam as tentativas geométrico-analíticas de sustentação do discurso positivista-lógico.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nota-se que o domínio do simbólico penetra as configurações dos signos da loucura no domínio da arte e no domínio da ciência. Há grupos que têm interesse em representar de

modo fidedigno o sofrimento psíquico, outros em descobrir sinais que evidenciem a doença e muitos que moldam a loucura como símbolo de seus desejos e princípios (até mesmo no conflito entre ambos). Contudo, não raramente esses objetivos iniciais embaralham-se na construção da imagem da loucura e do louco, da doença e do doente, da arte e do artista – essas classificações tão categóricas, opacas e, ao mesmo tempo, tão frágeis e translúcidas.

Alguns autores defendem que essa relação entre arte e loucura foi perdendo espaço na segunda metade do século XX e a ideia de que o feito artístico poderia conter alguma verdade sobre a loucura e vice-versa tange como ilusória no momento atual (TEIXEIRA COELHO apud PROVIDELLO, YASUI, 2013), particularmente na arte contemporânea. Na psiquiatria ainda que alguns profissionais, como Nise da Silveira, tenham intercalado a investigação da saúde mental à análise de expressões imagéticas, também se percebe que esse tema é hierarquicamente deixado à margem do saber psiquiátrico consolidado. Indaga-se, portanto, na continuidade da pesquisa, compreender o significado dessa ausência, suas estruturas sociosimbólicas e suas influências em possíveis atualizações da OC vinculada aos estudos sobre o sofrimento psíquico.

Trata-se, pois, de, aproximando os elementos subjacentes da fundamentação da classificação histórica da loucura e os elementos que sustentam a teorização da classificação como abordagem e como método dentro da OC, estabelecer caminhos para uma abordagem simbólica de compreensão dos limites e das potencialidades de desenvolvimento de uma epistemologia da OC, cada vez mais crítica e inclusiva. A partir das lentes da loucura e da arte podemos retomar a força histórica e contemporânea da arbitrariedade das classificações e de suas consequências. Do mesmo modo, podemos reencontrar nesse diálogo os pressupostos críticos para o desenvolvimento de abordagens mais reflexivas e inclusivas das práticas de organização e de representação do conhecimento.

#### **AGRADECIMENTOS**

A pesquisa foi desenvolvida com o fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil (CNPq) e da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

#### **REFERÊNCIAS**

AMARANTE, P. **O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz. 1996.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**  
**23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

BOURDIEU, Pierre. **Escritos sobre a educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRIET, S. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Éditions Documentaires Industrielles et Técnicas, 1951.

CAPONI, S. **Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2012.

CASSIRER, E. **Ensaio Sobre o Homem**. Uma Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana. São Paulo: Ed: Martins Fontes, 2005.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas**; Terceira parte: Fenomenologia do conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas**; Segunda Parte: O pensamento mítico. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas**; Primeira parte: A linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CRUZ JÚNIOR, E. G. PINHEIRO, L. V. Aspectos Museológicos nas constituições das coleções da loucura. *In: ANAIS do X ENANCIB*. Paraíba: João Pessoa. 2013.

DAHLBERG, Ingetraud. Knowledge Organization: a new Science? **Knowledge. Organization**, v. 33, n.1, p. 11-19, 2006.

DAHLBERG, Ingetraud. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978.

ESTIVALS, Robert. Theorie lexicale de la schematisation. **Schéma et schématisation**: revue de schématologie et de bibliologie, n. 52, p. 5-72, 2000.

FOUCAULT, M. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

FOUCAULT, M. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

FROHMANN, Bernd. The power of images: a discourse of images: a discourse analysis of cognitive viewpoint. **Journal of Documentation**, v. 48, n. 4, p. 365-386, 1992.

FROHMANN, B. Rules of indexing: a critique of mentalism in information retrieval theory. **Journal of Documentation**, v. 46, n. 2, jun. 1990.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Desclassification in Knowledge Organization: a post-epistemological essay. **Transinformação**, Campinas, v.23, n.1, p. 5-14, jan./abr., 2011.

GRAMARY, Adrian. De Prinzhorn a Dubuffet: a repercussão das coleções de arte criada por doentes psiquátricos na arte do século XX. **Leituras/Readings**, v. 2, n.2, mar./abr., 2005.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**  
**23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

PESSOTTI, I. **Os nomes da loucura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

PESSOTTI, I. Sobre a teoria da loucura no século XX. **Temas em Psicologia**, v. 14, n. 2, 113-123, 2006.

PROVIDELLO, G. G. D.; YASUI, S. A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.20, n.4, out.-dez. 2013, p.1515-1529.

SALDANHA, Gustavo S. O esquema e as formas simbólicas: uma 'arqueologia filosófica' do esquema no pensamento bibliológico. **Tempo Brasileiro**, v. 203, p. 79-102, 2015.

TODOROV, T. **Goya à sombra das luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VIGNAUX, Georges. **O demônio da classificação**: pensar, organizar. Lisboa: Inst. Piaget, 2000.